

Sessão Coordenada 49 - **PSICOLOGIA APLICADA AO ESPORTE E À DANÇA.**

RELAÇÃO ENTRE ÍNDICE DE MASSA CORPORAL E COMPORTAMENTOS ALIMENTARES EM ATLETAS DE VOLEIBOL FEMININO. *Andressa Melina Becker da Silva** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); Nathália Siqueira* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); Renan de Moraes Afonso* (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); Isabella Goulart Bittencourt* (Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC); Murilo Fernandes de Araújo* (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); Mariana Fonseca Cavallheiro* (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP).* ,

Entende-se por Padrão Alimentar Anormal um conjunto de práticas alimentares, que, em função de ideias inadequadas a respeito da ingestão de alimentos, não fornecem subsídios necessários ao equilíbrio nutricional. Da mesma forma, existe um risco maior destas pessoas evoluírem para um Transtorno Alimentar. O Índice de Massa Corporal [IMC = massa corporal (kg) / estatura (m²)] é usado para classificar desnutrição, sobrepeso e obesidade. Os pontos de corte de IMC são: baixo peso (IMC < 18,5); eutrofia (IMC = 18,5-24,99); sobrepeso (IMC = 25-29,99) e obesidade (IMC ≥ 30,00). O objetivo deste estudo foi verificar se o IMC tem relações com comportamentos alimentares. Participaram 27 atletas de voleibol feminino que competem em nível nacional, e que treinam em Curitiba-PR. Elas tinham 15,44 anos de idade, em média (±1,34). Aferiu-se peso e altura para cálculo do IMC. Foi aplicado o Eating Attitudes Test-26 (EAT-26), com 26 itens (escala tipo Likert de 6 pontos), sendo os resultados agrupados em: Fator Dieta, que reflete uma recusa patológica a comida de alto valor calórico e preocupação intensa com a forma física; Fator Bulimia – refere-se a episódios de ingestão compulsiva dos alimentos para evitar ganho de peso; e Fator Controle Oral, que demonstra o autocontrole em relação aos alimentos e reconhece forças sociais no ambiente que estimulam a ingestão alimentar. O Padrão Alimentar Anormal equivale a escores iguais ou superiores a 20 pontos, indicando sintomas de transtornos alimentares. Os testes Kolmogorov-Smirnov e Levene não mostraram normalidade e homogeneidade dos dados, aplicando-se, então, testes não paramétricos - Kruskal-Wallis e Correlação de Spearman (p < 0,05). Os resultados mostram alto padrão alimentar anormal (n = 14; 51,9%). Em contrapartida, com base no IMC, apenas 14,8% apresentam baixo peso, contra 74% com IMC normal, 11,2% com sobrepeso e ninguém com obesidade. Não houve relações entre IMC e padrão alimentar geral pelo Kruskal-Wallis [$\chi^2(2, N = 27) = 4,637$; p = 0,098]. Contudo, houve correlações positivas e significativas entre o fator Bulimia com: fator Dieta (0,607), Escore geral (0,760), IMC (0,616) e a faixa etária (0,385). O fator Dieta se relacionou significativamente com escore geral (0,916) e com IMC (0,659). Por fim, o fator Controle oral se relacionou significativamente com o Escore geral (0,392). Percebe-se que o fator Dieta exerce maior influência no escore geral de padrões alimentares, ou seja, quanto maior a recusa patológica a comida de alto valor calórico e preocupação intensa com a forma física, maiores são as chances de o indivíduo apresentar comportamentos alimentares anormais. Destaca-se fato da relação entre fator Bulimia e faixa etária, sendo que as atletas de 17 e 18 anos apresentaram maiores riscos para bulimia do que atletas mais jovens. Apesar de não haver relação causal significativa entre IMC e



comportamentos alimentares, é necessário uma atenção a essas atletas, tendo em vista que as subescalas dos instrumentos foram correlacionadas significativamente.

Autoestima. Imagem corporal. Voleibol.

CAPES (bolsa de doutorado para primeira autora); CNPq/MCT (bolsa de produtividade em pesquisa em nível 1B, para última autora).

Doutorado - D

ESP - Psicologia do Esporte

RELAÇÕES ENTRE AUTOEFICÁCIA E ANSIEDADE EM BAILARINOS EM FASE DE PRÉ-COMPETIÇÃO. *Isabella Goulart Bittencourt** (Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC); *Andressa Melina Becker da Silva*** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Murilo Fernandes de Araújo** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Renan de Moraes Afonso** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Mariana Fonseca Cavaleiro** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Nathália Siqueira** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Sônia Regina Fiorim Enumo* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP)

A autoeficácia corresponde às percepções e às crenças que os sujeitos têm sobre si mesmos. É importante ter conhecimento sobre o que influencia os campos de atividades e que permite especificar quais aspectos da autoeficácia serão mensurados. Nesse sentido, um dos componentes que podem interferir na autoeficácia é a ansiedade. A expectativa de eficácia no esporte e na dança está associada ao controle das sensações provocadas pela ansiedade, como respiração ofegante, reações impulsivas nos ensaios e competições. Considerando a relação teórica existente entre os construtos apresentados, sua relevância no âmbito esportivo e a ausência de estudos no campo da dança, o presente estudo objetivou verificar a relação entre a autoeficácia e a ansiedade-estado pré-competitiva de bailarinos adolescentes brasileiros. Participaram do estudo 441 bailarinos brasileiros, escolhidos por conveniência, de ambos os sexos (93,42% mulheres), com idade média de 15,35 anos ($\pm 3,36$). Eles dançam em média há 7,6 anos ($\pm 3,32$). A aplicação dos instrumentos ocorreu antes dos ensaios de passagem de palco, em dia de competição. Os aspectos éticos foram assegurados, conforme resolução do CNS 466/12. Para avaliação, utilizou-se a Escala de Autoeficácia para Bailarinos, com 15 questões, divididas em duas subescalas: Autoeficácia física e Autoeficácia psicológica. Foi utilizado também o Inventário de Ansiedade-Estado Competitiva adaptado para bailarinos, que contém 22 itens e três dimensões: Ansiedade cognitiva, Ansiedade somática e Autoconfiança. Para análise estatística dos dados, utilizaram-se os testes Kolmogorov-Smirnov e Levene, que mostraram não haver uma distribuição normal e homogênea dos dados, aplicando-se, então, testes não paramétricos (Kruskal-Wallis e Correlação de Spearman, adotando-se $p < 0,05$). Os resultados indicaram uma alta autoeficácia geral, seguindo a classificação: Alta ($n = 316$; 71,3%); Média ($n = 124$; 28%); Baixa ($n = 1$; 0,7%). Entretanto, percebeu-se uma maior autoeficácia psicológica ($M = 78,19$; $\pm 14,22$) se comparada à autoeficácia física ($M = 69,53$; $\pm 14,58$). A autoconfiança foi mais alta ($M = 22,04$; $\pm 5,84$), seguida da ansiedade somática ($M = 21,35$; $\pm 5,53$) e a ansiedade cognitiva ($M = 20,29$; $\pm 4,87$), correspondendo a um nível médio de ansiedade (19-27 pontos). Pelo Kruskal-Wallis, houve relação de causa e efeito significativa entre a autoconfiança e a autoeficácia geral ($p = 0,002$). Encontrou-se correlação positiva e significativa, pelo coeficiente de Spearman, entre ambos os tipos de ansiedade: cognitiva e somática; assim como da autoconfiança com todos os tipos de autoeficácia: geral, física e psicológica; entre os três tipos de autoeficácia: física, psicológica e geral; e entre a autoeficácia psicológica e a autoeficácia geral. Além disso, houve relação negativa e significativa entre: ansiedade cognitiva com a autoeficácia (geral e psicológica); e entre a ansiedade somática e autoeficácia psicológica. No geral, os dados indicam que, à medida que os bailarinos exercem bons julgamentos sobre suas próprias habilidades (autoeficácia), tendem a diminuir as expectativas negativas sobre seu desempenho (ansiedade cognitiva), bem como a controlar aspectos fisiológicos e afetivos (ansiedade somática). Portanto, a percepção da capacidade para



executar as ações exigidas para atingir certo desempenho interfere nos níveis de ansiedade, e por conseguinte, no desempenho dos bailarinos.

Autoeficácia. Ansiedade. Dança.

CAPES (bolsa de doutorado para segunda autora); CNPq/MCT (bolsa de produtividade em pesquisa em nível 1B, para última autora).

Doutorado - D

ESP - Psicologia do Esporte

RELAÇÕES ENTRE AUTOEFICÁCIA E DEPENDÊNCIA DE EXERCÍCIO FÍSICO EM BAILARINOS EM FASE DE PRÉ-COMPETIÇÃO. *Mariana Fonseca Cavalleiro** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Andressa Melina Becker da Silva*** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Isabella Goulart Bittencourt** (Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC); *Murilo Fernandes de Araújo** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Renan de Moraes Afonso** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Nathália Siqueira** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Sônia Regina Fiorim Enumo* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP)

Autoeficácia refere-se aos julgamentos que as pessoas fazem de suas capacidades para organizar e executar seus planos de ação necessários para atingir determinados tipos de rendimento. Na busca de bons desempenhos, o bailarino apresenta alta frequência da prática de exercícios físicos. A relação estabelecida entre a dança e o bailarino abre espaço para a dependência física. Esta é entendida como um comportamento incontrolável, executado de forma excessiva, que se manifesta por sintomas fisiológicos e psicológicos, e que pode acometer bailarinos, devido ao excesso de ensaios e aulas. Assim, o objetivo deste estudo foi verificar a influência da autoeficácia na dependência de exercício físico em bailarinos adolescentes em fase de pré-competição. Participaram 322 bailarinos brasileiros, escolhidos por conveniência, de ambos os sexos (93,42% mulheres), com idade entre 10 e 19 anos ($M = 15,35; \pm 3,36$), e que dançavam há 7,6 anos, em média ($\pm 3,32$), competindo em nível internacional. A aplicação dos instrumentos ocorreu antes dos ensaios de passagem de palco, no dia da competição. Para avaliação, utilizou-se a Escala de Autoeficácia para Bailarinos, que contém 15 questões e é dividida duas subescalas - autoeficácia física e autoeficácia psicológica. Utilizou-se também a Escala de Dependência de Exercício Físico, contendo 20 questões, divididas em sete subescalas (continuação, efeitos de intenção, efeitos de abstinência, falta de controle, tempo, redução em outra atividade e tolerância), classificando-se a pessoa como dependente ou não de exercício físico. Os testes Kolmogorov-Smirnov e Levene mostraram não haver normalidade e homogeneidade dos dados, aplicando-se, então, teste não paramétricos - Correlação de Spearman e U-Mann Whitney, visando detectar a relação entre as variáveis ($p < 0,05$). Os resultados mostram correlação positiva e significativa da autoeficácia física com as subescalas de dependência: efeitos de intenção, efeitos de abstinência, falta de controle, redução em outra atividade e tolerância. Também houve correlação positiva e significativa da autoeficácia psicológica com as subescalas de dependência: efeitos de intenção, efeitos de abstinência, falta de controle, redução em outras atividades e tolerância. Por fim, a autoeficácia geral foi correlacionada significativamente com efeitos de abstinência, falta de controle e redução em outras atividades. Ao verificar a influência da autoeficácia na dependência de exercício físico, através do teste U-Mann Whytny, obteve-se um resultado não significativo. Isso indica que falta de relações nos constructos analisados como um todo, apesar de algumas subescalas terem correlações significativas. Contudo, destaca-se o fato das relações que foram significativas serem positivas, ou seja, quanto maior a autoeficácia física ou psicológica, maior será os efeitos de abstinência de exercícios, a falta de controle e a redução em outras atividades, por exemplo. Apesar disso, não houve uma relação suficientemente forte e significativa entre a autoeficácia geral e a dependência de exercício físico nestes bailarinos adolescentes.

Autoeficácia. Dependência de exercício físico. Dança.



CAPES (bolsa de doutorado para segunda autora); CNPq/MCT (bolsa de produtividade em pesquisa em nível 1B, para última autora).

Doutorado - D

ESP - Psicologia do Esporte

RELAÇÕES ENTRE AUTOESTIMA E IMAGEM CORPORAL EM ATLETAS DE VOLEIBOL FEMININO. *Nathália Siqueira** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Andressa Melina Becker da Silva*** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Renan de Moraes Afonso** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Isabella Goulart Bittencourt** (Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC); *Murilo Fernandes de Araújo** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Mariana Fonseca Cavalcheiro** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Sônia Regina Fiorim Enumo* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP)

A imagem corporal se refere à figura do corpo para o próprio indivíduo, ou seja, como ele se vê, fundamentado em seus pensamentos e levando em considerações fatores emocionais, ambientais e sociais. Pensando nas consequências dessa percepção de imagem corporal, supõe-se que esta possa influenciar a autoestima. Autoestima pode ser entendida como o entendimento que o indivíduo tem de si mesmo, de suas atitudes, qualidades, sendo uma autoavaliação, que pode ocasionar sentimentos de rejeição ou aceitação de si próprio. Ambos os conceitos são fundamentais para que atletas de femininas de voleibol obtenham um bom desempenho tanto dentro das quadras, quanto fora delas. O objetivo deste estudo foi verificar a influência da imagem corporal sobre a autoestima de atletas femininas de voleibol. Participaram 27 adolescentes que competem em nível nacional de voleibol, e que treinam em Curitiba/PR. Elas tinham, em média, 15,44 anos ($\pm 1,34$). Para avaliação, utilizou-se a Escala de Autoestima, com 25 questões para assinalar como “verdadeira” ou “falsa”, caso se identifique ou não com a questão. Pontuações abaixo de 50% são consideradas baixa autoestima, de 50-75% é considerada autoestima média e acima de 75% é considerada autoestima alta. Para mensurar a imagem corporal, aplicou-se o Silhouette Matching Task (SMT), com 12 silhuetas, femininas e masculinas (1 = extremamente magra; 12 = extremamente gorda), nas quais o indivíduo assinala “SA” para a imagem atual e “SI” para a ideal (desejável). Assim, percebe-se que quando existe uma diferença entre as silhuetas atual e ideal há uma insatisfação da imagem corporal. Encontrou-se uma distribuição normal e homogênea dos dados (testes Kolmogorov-Smirnov e Levene), aplicando-se, então, testes paramétricos, como ANOVA e Regressão Linear Simples ($p < 0,05$). Os resultados demonstram que 92,6% das atletas apresentavam insatisfação com a imagem corporal, sendo que destes, 70,4% gostariam de emagrecer. A autoestima foi classificada como média (normal) ($M = 63,03$; $\pm 12,17$), confirmando outros resultados da literatura sobre o tema. Contudo, ressalta-se que 14,8% apresentaram baixa autoestima e 18,5% alta autoestima. Não foi possível verificar a relação de causa-efeito entre imagem corporal e autoestima pela ANOVA ($F(7,19) = 0,850$, $p = 0,561$), e nem pela regressão linear simples ($p = 0,223$). Assim, mesmo a maioria dessas jogadoras de voleibol estar insatisfeita com a imagem corporal e desejando emagrecer, não afetou sua autoestima. Pode-se pensar, então, que outro constructo influencie a autoestima dessas atletas. Assim, se faz necessário a realização de pesquisas futuras acerca da temática, inclusive envolvendo outras variáveis visando a uma melhor compreensão dessas relações.

Autoestima. Imagem corporal. Voleibol.

CAPES (bolsa de doutorado para segunda autora); CNPq/MCT (bolsa de produtividade em pesquisa em nível 1B, para última autora).

Doutorado - D

ESP - Psicologia do Esporte

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO QUESTIONÁRIO DE QUALIDADE DE VIDA PARA ATLETAS ADAPTADO PARA BAILARINOS. *Renan de Moraes Afonso** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Andressa Melina Becker da Silva*** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Isabella*

A qualidade de vida é um construto multidimensional, que possui dimensões cognitivas, emocionais e psíquicas de socialização e percepção de saúde; sendo determinada por múltiplos fatores, que incluem o grau de satisfação que a pessoa tem em certos aspectos físicos, psicológicos e sociais da sua vida. Uma das variáveis que influencia diretamente a qualidade de vida é o exercício físico, sendo este um grande aliado na promoção da saúde. Quando se trata de qualidade de vida de bailarinos de alto rendimento, a quantidade de fatores que podem influenciar na qualidade de vida é muito grande, pois entram em cena cargas excessivas de ensaios, junto com muitos estressores, tanto na competição, quanto nos ensaios. Somado a isso, bailarinos adolescentes apresentam a especificidade da idade, pois a adolescência é marcada pela passagem da infância para a vida adulta, caracterizando-se por alterações biopsicossociais. Por isso, é importante a avaliação de qualidade de vida de bailarinos devido ao alto nível de exigências e treinamentos, os quais podem causar um grande impacto na saúde física, psíquica e social. Assume-se, portanto, a necessidade de validar um instrumento de avaliação da qualidade de vida para a população de bailarinos, considerando que o mesmo só existe para atletas e existem diferenças em relação às especificidades das modalidades, esportiva e de dança, uma vez que esta última apresenta além de tudo características artísticas. Assim, o objetivo deste estudo foi adaptar o Questionário sobre Qualidade de Vida de Atletas (QQVA) para bailarinos adolescentes, bem como verificar suas evidências de validade. Os procedimentos éticos foram seguidos conforme resolução do CNS 466/2012. Foram avaliados 313 bailarinos, com idade entre 10 e 19 anos ($M = 15,35; \pm 3,36$), que dançavam, em média, há 7,85 anos, em festivais de dança de caráter nacional e internacional. Verificaram-se as evidências de validade de conteúdo, com a avaliação de especialistas para a pertinência teóricas e prática em termos de adaptações para bailarinos e acessibilidade da linguagem para adolescentes; além da verificação das evidências de validade da consistência interna, com a aplicação de análises fatoriais exploratórias e alfa de Cronbach. Os juízes propuseram pequenas alterações, que foram acatadas. A validade de conteúdo apresentou os coeficientes para linguagem (0,94), pertinência prática (0,95) e pertinência teórica (0,95). A análise fatorial mostrou a existência de cinco fatores, assim como o instrumento original, sendo esses: Relacionamento no contexto da dança ($\alpha = 0,731$); condições básicas para a saúde ($\alpha = 0,743$); sinais e sintomas de supertreinamento ($\alpha = 0,833$); planejamento e periodização do treinamento na dança ($\alpha = 0,532$); estado emocional do bailarino ($\alpha = 0,845$), com alfa de Cronbach geral de 0,840. Isto indica que os fatores com maiores magnitudes de efeito para a qualidade de vida dos bailarinos referem-se a aspectos emocionais e de supertreinamento. Esse resultado difere da validação original do instrumento, em que os maiores valores foram para o fator relacionamento no ambiente esportivo e condições básicas para a saúde, confirmando a necessidade de validações considerando as especificidades de cada modalidade de prática física.

Qualidade de vida. Dança. Avaliação Psicológica.

CAPES (bolsa de doutorado para segunda autora); CNPq/MCT (bolsa de produtividade em pesquisa em nível 1B, para última autora).

Doutorado - D

ESP - Psicologia do Esporte



EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO RESTQ-SPORT ADAPTADO PARA BAILARINOS.

*Murilo Fernandes de Araújo** (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Andressa Melina Becker da Silva*** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); *Renan*

Em meio a um ambiente extremamente competitivo, por diversas vezes, o bailarino profissional se encontra sob excessiva pressão física e psicológica em situações estressantes. O estresse é entendido como uma relação entre pessoa e ambiente, avaliada pelo i Estresse. Dança. Avaliação Psicológica.

CAPES (bolsa de doutorado para segunda autora); CNPq/MCT (bolsa de produtividade em pesquisa em nível 1B, para última autora).Doutorado - D
ESP - Psicologia do Esporte